



Entre trabalhadores que se dedicam à arte dos móveis no Distrito Federal, cerca de 2.500 pessoas se dividem na tarefa de criação

Artesãos da madeira de Brasília

Compasso de espera. Assim pode ser definida a atual situação da indústria moveleira e de madeira no Distrito Federal, às vésperas da entrada em vigor do real. Os últimos bons resultados apresentados por esse setor da economia foram registrados no final de 93 e, desde então, tem sido constatada uma redução na produção e nas vendas. Com a entrada em vigor da URV, segundo relatório da Fibra, os preços foram convertidos pelo pico. O resultado foi que as indústrias foram obrigadas a diminuir suas margens de lucro para tentar reverter a queda brusca nas vendas que chegou a 35%.

Para o presidente do Sindicato da Indústria Moveleira e de Madeira do Distrito Federal, Orlando Gertrudes, os maus resultados apresentados pelo setor têm uma explicação clara e não se restringe a adoção de uma nova moeda e a insegurança que isso provoca em todo o mercado. "O problema principal é a falta de uma política industrial e de compra pelo governo local", diz ele. Isso tem prejudicado grande número de empresas que, segundo Orlando Gertrudes, não têm podido manter os mesmos níveis de produção devido à falta de estímulo.

"O Governo do Distrito Federal realiza hoje, suas compras de móveis de empresas de Goiânia e que poderiam ser perfeitamente realizadas junto a empresas locais", assegura o empresário. Essa falta de estímulo, segundo relatou Orlando Gertrudes, tem provocado uma evasão de empresas para outros estados. Duas das maiores do ramo acabaram transferindo suas atividades para o estado de Goiás. Para que essas empresas tenham aceitado sair do DF, algumas vantagens foram oferecidas. O terreno onde é instalada a nova fábrica é cedido pelas prefeituras já com infra-estrutura necessária, como água e energia elétrica. A cobrança de impostos, como é o caso do ICMS, pode ser feita de forma parcelada, o que permite uma maior liquidez à empresa.

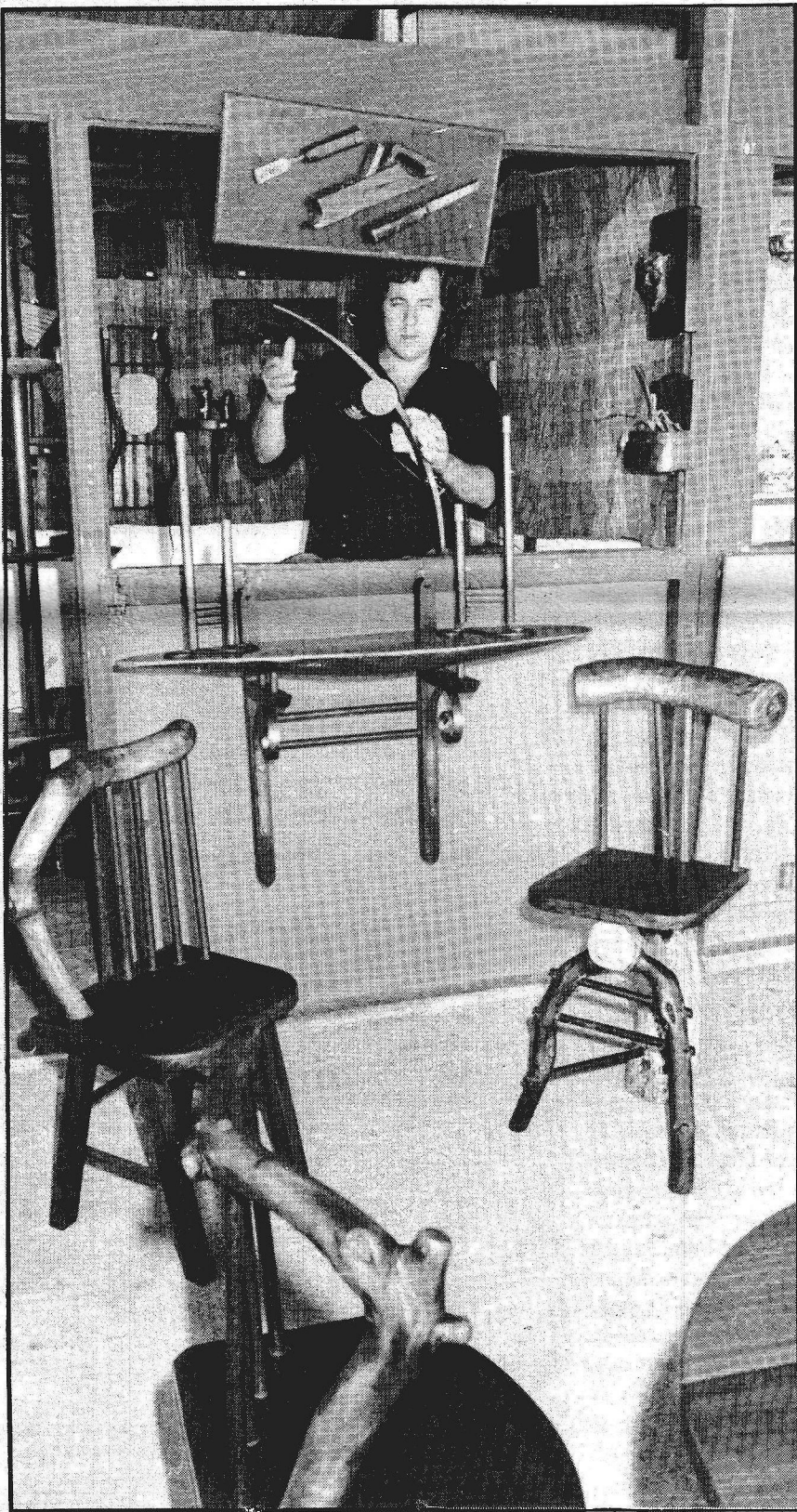
Há cerca de dois anos o setor da indústria moveleira e de madeira contava com dez mil empregados em seus quadros. Atualmente são trabalhado-

res do setor 2.500 pessoas e, por enquanto, não há qualquer perspectiva de retomada do nível de emprego de dois anos atrás. "O setor está morrendo por falta de sensibilidade governamental", lamenta-se Orlando Gertrudes. As importações continuam sendo o forte dentro do Distrito Federal. Das compras realizadas pelo GDF, 90% vêm de outros estados, principalmente de Goiás, estado que já dispõe de uma política industrial definida.

Os móveis artesanais aparecem, neste quadro, como alternativa para microempresários com pequena produção feita mediante encomenda. Neste contexto, as feiras aparecem como uma efetiva possibilidade de vendas e tanto para as indústrias como para os chamados alternativos elas têm constituído uma verdadeira mina. Mas como acontecem somente de uma a duas vezes por ano, não são soluções, mas paliativos para época de crise.

Os empresários da indústria moveleira têm consciência que a retomada dos negócios no setor, numa avaliação inicial, vai depender do sucesso do novo plano econômico. Se efetivamente o Governo Federal conseguir estancar essa inflação, com a adoção do real, o setor pode voltar a crescer até o final do ano. O caso do plano econômico não vingar, mais de um temor, faz parte dos pesadelos que rondam os empresários do setor. Com empresas estruturadas, com sistema de qualidade que tem contribuído para reduzir perdas e desperdícios, a indústria moveleira não cogita novos investimentos e teme que os já realizados não apresentem os resultados desejados.

"Os governantes têm que nos dar condições para trabalhar. Não queremos subsídios, mas regras bem definidas", reivindica Orlando Gertrudes. Ele conta que há anos ouve falar da intenção do Governo do Distrito Federal em definir uma política industrial mas que até agora isso não tem passado de retórica. Com a proximidade das eleições, novas promessas, com certeza, serão feitas para os empresários do setor. Resta saber até quando as indústrias poderão esperar pelo seu cumprimento.



Do rústico ao tradicional, são muitas as opções de mobiliário existentes nas lojas especializadas do DF